

Verdades Secretas 2: a representatividade na educação sexual LGBTQIAPN+ pela telenovela¹

Carlos Felipe CARVALHO DA SILVA²
Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Do primeiro beijo heterossexual às primeiras cenas sexo entre pessoas do mesmo gênero em uma telenovela, o público se vê mergulhado em referências que são importantes para a educação sexual do ser humano, e o audiovisual faz parte da construção da identidade dessa pessoa. A naturalização da heteronormatividade é explorada dia após dia nas tramas brasileiras, enquanto que a visibilidade LGBTQIAPN+ ainda permanece nos guetos da programação televisiva. Verdades Secretas 2, a primeira novela feita para o streaming no Brasil, abre espaço para a diversidade de homoafetividade e homoerotismo e este trabalho se baseia nos conceitos de autores como Guillermo Orozco-Gómez, Charles Atkin, Gabriela Maria Dutra de Carvalho e Jesús Martin-Barbero para assinalar a importância dos meios de comunicação de massa na educação afetiva/sexual desses telespectadores.

PALAVRAS-CHAVE: telenovela, sexo, LGBTQIAPN+, educação sexual.

Introdução

Quando se fala em um roteiro de telenovela clássico, a primeira ideia que vem à cabeça é uma estrutura tradicional de personagens centrais que começam pela “mocinha”, uma jovem indefesa que tem um problema na vida e que vai conhecer o “mocinho”, um homem nem sempre jovial que vai lutar por ela e resolver todos os problemas pela frente. Para impedir que tudo dê certo, sempre há um vilão, ou vilã, que vai atrapalhar todos os planos logo de imediato.

A estrutura do casal principal de uma telenovela ou de um romance já está no imagético como sendo de um homem herói e de uma mulher indefesa, um reflexo da herança patriarcal vista na sociedade desde muito antes de existir a televisão. Por este motivo, os relacionamentos LGBTQIAPN+ estiveram sempre inviabilizados na dramaturgia brasileira, corroborando para a manutenção do preconceito por décadas a fio.

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação Social pela Universidade Metodista (Umesp), orientando do Prof. Dr. Ivan Paganotti, graduado em jornalismo pela Universidade de Taubaté (Unitau) e 18 anos de experiência como jornalista de redação. E-mail: felipecarvalho2@gmail.com.

Quando um personagem gay estava no elenco de uma novela, ele normalmente tinha uma função cômica na trama ou mesmo era visto como o melhor amigo de uma personagem, sem sentimentos, sem possibilidade de um relacionamento, quase como um eunuco, um homem que tinha suas genitálias decepadas e que serviam como os “vigilantes da cama”, sem a possibilidade de desejar uma relação sexual.

A TV Globo, como maior conglomerado de comunicação do país, exibiu a primeira cena de um beijo entre dois homens em 2014, abriu a porta para que as relações LGBTQIAPN+ tivessem mais espaço e fossem tratadas de forma mais respeitosa, com o mesmo zelo recebido pelas relações heteroafetivas. A partir daí, abre-se um grande potencial educacional que mira no início da desconstrução e da desestigmatização da LGBTfobia enraizada na sociedade, mas qual é a visibilidade que a emissora dá ao sexo entre pessoas do mesmo gênero?

Este trabalho mergulha no universo novelístico para entender o tamanho do espaço cedido pelos dramaturgos aos romances entre pessoas LGBTQIAPN+ e identifica que *Verdades Secretas 2*, a primeira novela feita para o *streaming*, abre espaço para uma grande diversidade de cenas de sexo entre homens, mulheres e até mesmo de atos sexuais com múltiplos parceiros ao mesmo tempo. Para isso, uma pesquisa profunda entre artigos, livros, vídeos e publicações jornalísticas mostra a importância que autores como Guillermo Orozco-Gómez, Charles Atkin, Gabriela Maria Dutra de Carvalho e Jesús Martin-Barbero, entre outros, dão à aprendizagem incidental, ou seja, não intencional, pela televisão.

Os exemplos de dramaturgia aqui escolhidos não são fruto de um levantamento sistematizado, mas são parte de uma pesquisa exploratória, de metodologia mista, a partir de referências encontradas sobre a temática da educação sexual para pessoas LGBTQIAPN+ nas novelas da TV Globo. Este trabalho, inclusive, vai considerar somente as cenas de romance e sexo das tramas dessa emissora porque é a única até o momento a exibir pessoas do mesmo gênero em relações homoeróticas e por ser a maior emissora do país, com uma extensa tradição de exportação de telenovelas pelo mundo afora.

Os primeiros aparelhos de televisão aportaram no porto de Santos, a 72 quilômetros de São Paulo, pelas mãos do jornalista e empresário Assis Chateaubriand, que também criou a primeira emissora de televisão do Brasil, a TV Tupi, que foi instalada na capital paulista. Apenas um ano depois, no dia 21 de dezembro de 1951, estreava a

primeira telenovela do Brasil e do mundo, *Sua Vida Me Pertence*, escrita, produzida e dirigida por Walter Foster, que também atuou como protagonista da história, Alfredo, ao lado de Vida Alves, “a mocinha” Elizabeth, e Lia de Aguiar, que ficou com o papel da vilã ambiciosa Eliana. (Svartman, p. 33, 2023).

Foster sabia que, naquela época, os filmes hollywoodianos já mostravam cenas de beijos entre seus personagens, então levou à direção da TV Tupi a ideia de também exibir o primeiro beijo entre um homem e uma mulher na televisão. O assunto chegou à cúpula da emissora e foi aprovado pelos diretores.

Apesar de ter sido um beijo casto, segundo Alencar, “gerou protestos de todos os tipos contra a imoralidade que ameaçava os lares do país” (Alencar, 2002). Alves relembra a repercussão do beijo: “Algumas pessoas ficaram alvoroçadas. Escandalizadas. Outras apenas caladas. Outras assustadas. Uma coisa importante tinha acontecido. Todos sabiam disso” (Alves, 2008). Como as telenovelas na época eram exibidas ao vivo, não há documentação desse fato histórico; apenas fotos de divulgação alusivas ao que aconteceu momentos antes e depois do beijo. (Svartman, p. 34, 2023)

Em 1963, a TV Tupi também apresentava o programa *Grande Teatro*, que eram adaptações de peças de teatro e romances literários para o formato da televisão. Vida Alves contracenava com Geórgia Gomide no teleteatro *A Calúnia* e elas interpretavam duas diretoras de um internato de meninas adolescentes. Uma garota do colégio, que tirou nota baixa em uma prova, criou uma história falsa que as duas diretoras eram amantes, os pais se revoltaram com a desonra, os alunos foram retirados da escola aos poucos até que a instituição é fechada. Ao final da história, as duas descobrem que realmente se amavam e, no último capítulo, trocaram apenas um beijo que ficou registrado como o primeiro beijo lésbico em uma telenovela brasileira.

Vida disse em entrevista que a repercussão desse beijo lésbico foi ainda maior, se comparado com sua primeira experiência em 1951. “Eu me lembro dos comentários. Diziam que ‘estamos ficando extravagantes’. Mas não foram tão exagerados”. (Ortega, 2014)

A primeira cena de sexo entre um casal heterossexual da televisão brasileira não tem registro. Não há uma pesquisa avançada exatamente sobre esse assunto, mas algumas novelas da década de 1990 já exploravam esse assunto de maneira mais aberta, como *Pedra Sobre Pedra* (1992), de Aguinaldo Silva, que dava voz ao prazer feminino no núcleo do fotógrafo Jorge Tadeu, vivido por Fábio Jr. Na história, cinco mulheres apaixonadas desejavam transar com o galã, que urinou em uma plantação de antúrios e,

depois de morrer no 30º capítulo, elas comiam a flor daquele jardim, tinham encontros sobrenaturais com o fotógrafo e faziam sexo com ele em forma de espírito.

Romance LGBTQIAPN+

Autores de novelas já demonstravam interesse em inserir personagens LGBTQIAPN+ mais profundos, com história e romance para mostrar ao público ainda conservador a existência do amor entre pessoas do mesmo gênero. *A Próxima Vítima* (1995), de Silvio de Abreu, trouxe para uma novela das 8 a história dos jovens Sandrinho e Jefferson, vividos por André Gonçalves e Lui Mendes, respectivamente, que eram gays não afeminados, e que tinham “um lance” entre eles, que não ficava exatamente claro para o espectador.

Alguns mais conservadores da época preferiam olhar para a relação deles como “uma bela amizade”, até que Sandrinho revela a verdade para a mãe, Ana (Susana Vieira), no 118º capítulo, com o discurso que “tive algumas namoradas, mas não era verdade, e sim para provar para todo mundo que não tinha nada de errado comigo”.

Para a maioria das pessoas não está certo gostar de uma pessoa do mesmo sexo. (...) Não é uma fase. Não depende da minha vontade. A senhora não sabe como eu lutei para isso. Olha para mim, acredita! Se dependesse só de mim, eu estaria com uma garota, ou até um monte! Como o Giba, como o Giulio... seria bem mais prático, mas não é verdade. Não iam ficar me olhando de lado e me fazendo perguntas. Eu não quero ser diferente, mas eu sou. (...) As pessoas não mexem [comigo nas ruas], mas falam. Eu sei que falam, comentam, todo mundo faz isso, mas acho até normal. Não é divertido, mas a gente acostuma ou acaba acostumando. (*A Próxima Vítima*, 1995)

O discurso de Sandrinho, ao som instrumental de *Io Che Amo Solo Te*, do italiano Sergio Endrigo, trouxe àquela geração de adolescentes da década de 1995 a legitimidade de uma relação entre dois homens que, até então, só estava no campo do pecado, de acordo com a visão cristã da época sobre a homossexualidade. O casal homoafetivo chegou a morar junto até o fim da trama de Abreu, mas o beijo entre os dois não aconteceu.

É importante salientar que esse tema era tratado profundamente na novela em uma época em que os homens gays eram apontados como os vetores do vírus HIV que circulava desde a década de 1980 e que, em forma de Aids, era chamada de “a peste gay” nos principais veículos de comunicação do país.

A representatividade do casal Sandrinho e Jefferson foi muito importante para a construção da identidade de um homem gay, pois o assunto foi tratado de maneira séria e com respeito. Charles Atkin (1978) descreveria essa cena como uma aprendizagem

incidental, em que o público da telenovela aprende por meio da história do personagem que ser homossexual não é um problema. “As pessoas que assistem aos programas de entretenimento podem não ter a intenção de apreender noções sócio-político-filosóficas, mas não obstante elas apreendem essas noções ao longo dos programas”. (Atkin, p. 41,1978)

O saber é disperso e fragmentado e pode circular fora dos lugares sagrados nos quais antes estava circunscrito e longe das figuras sociais que antes o administravam. A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional. (Martin-Barbero, p. 55, 2000)

O beijo entre duas pessoas do mesmo gênero caiu em uma espécie de limbo da televisão e nenhum outro dramaturgo ousou escrever uma cena com duas mulheres ou dois homens desde o primeiro beijo de Vida Alves e Geórgia Gomide.

Em 1990, a Rede Manchete levou ao ar a minissérie *Mãe de Santo* e o quarto episódio da trama mostrou a história de Lúcio e Rafael, um casal homossexual interpretado pelos atores Raí Alves e Daniel Barcellos, respectivamente, que se beijaram ao final do episódio, em uma cena que aparece somente a silhueta das bocas que se encostam em um beijo que dura exatos 4 segundos.

Em outro salto no tempo, em 2005, Gloria Perez queria fazer história na novela das 8 *América* e escreveu um final feliz para o personagem gay, Júnior (Bruno Gagliasso), que se apaixonou pelo peão Zeca (Erom Cordeiro): os dois chegaram a gravar a cena do beijo final, mas a TV Globo preferiu não exibir a cena por medo da reação do público conservador. A partir daí, estava formada a corrida entre as emissoras sobre quem ousaria a exibir mais uma vez um beijo entre pessoas do mesmo gênero.

O SBT produziu a telenovela *Amor e Revolução* em 2011, que trazia a história de Marcela e Marina, interpretadas por Giselle Tigre e Luciana Vendramini, e fazia promessas que haveria um beijo entre as duas, o que gerou uma expectativa no público e fez aumentar o índice de audiência da trama de Tiago Santiago. A cena finalmente aconteceu no dia 12 de maio daquele ano, durou 29 segundos, e gerou um misto de elogios e críticas pela forma como a emissora abordou o tema, que ficou “espalhado” entre outros temas mais pesados da trama.

A TV Globo se “redimiou” somente em 2014, quando exibiu o beijo entre o vilão reabilitado Félix (Mateus Solano) e doce “carneirinho” Niko (Thiago Frago) que comoveu os telespectadores mais tradicionais das telenovelas. A emissora carioca

quebrou aí mais de 60 anos de tabu e a partir desse momento dá saltos na evolução das relações homoafetivas na televisão.

Sexo LGBTQIAPN+ na TV

O sexo heterossexual foi explorado pela televisão brasileira de algum modo em quase 100% das telenovelas exibidas dos anos 1970 até hoje, desde apenas cenas sugestivas até aquelas com um teor maior de sensualidade. A naturalização do ato sexual entre um homem e uma mulher no audiovisual também pode ser ligado ao sucesso dos filmes pornochanchadas, gênero que começou a ser produzido no início da década de 1970, inspirado em comédias italianas e filmes eróticos europeus.

Já o ato sexual entre pessoas LGBTQIAPN+ seguiu na contramão dessa tendência. A TV Globo, como a maior produtora de audiovisual do país, só conseguiu quebrar um tabu de décadas e mostrar o primeiro beijo entre homens em 2014, então uma relação sexual entre dois homens ou mulheres era algo quase impensável. Qualquer tipo de representação de sexo na televisão era única e exclusivamente aplicado ao sexo heteroafetivo.

Foi no dia 12 de julho de 2016 que a novela das 11 *Liberdade, Liberdade*, escrita por Mário Teixeira, exibiu a primeira relação entre homossexuais da teledramaturgia brasileira. A trama era ambientada no século 19, uma época que não se discutia o conceito de homossexualidade. André (Caio Blat) era um homem afeminado e que despertava a curiosidade nas pessoas sobre seus trejeitos. Já Tolentino (Ricardo Pereira) era um militar do exército, frio, duro e que levava o arquétipo do vilão. Nunca houve um romance entre os dois porque a relação homoafetiva entre homens era considerada um crime chamado “sodomia”.

Quando a exibição dessa cena foi anunciada pela imprensa dias antes, comunidades evangélicas e católicas começaram a protestar contra a emissora e incentivar um verdadeiro boicote à Globo. A Bancada Evangélica do Congresso Nacional chegou a fazer uma forte campanha nas redes sociais contra a exibição da cena, considerando que seria um “atentado ao pudor e à família brasileira” (Falcheti, 2016).

A televisão, como um meio de comunicação de massa tradicional, geralmente se abstém de falar sobre sexo em si, mesmo quando o assunto é educação sexual, mas as práticas sexuais heteronormativas estão sempre lá, nos filmes ou novelas. O homem (cisgênero ou transgênero) que se identifica como homossexual não tinha até aquele

momento uma representatividade sobre o sexo gay e tudo o que se falava até o momento era colocado no lugar do pecado, tal como reforçou a Bancada Evangélica antes da exibição da cena de André e Tolentino.

Contudo, é de suma importância para um jovem gay entender que fazer sexo com um outro homem não está errado, principalmente se ele está fora dos dogmas das religiões cristãs. Um estudo publicado pelo Instituto Ipsos (2023) aponta que o Brasil é o país no mundo em que a maior parte da população acredita em Deus ou em um poder maior: 89% dos brasileiros acreditam em um deus único (caso de religiões cristãs, judeus e muçulmanos), mesmo percentual encontrado na África do Sul. O levantamento também aponta que 70% da população se denomina cristã.

O jovem adolescente que assiste apenas cenas de sexo heteronormativo em uma novela passa a acreditar somente que aquele tipo de prática sexual é “normal” ou “aceitável”, então aí dá-se a importância de se representar todo tipo de sexo nos meios de comunicação. Exibir esse tipo de conteúdo para o público de 16 anos ou mais, faz com que ele tenha uma aprendizagem incidental sobre a normatização do sexo entre pessoas LGBTQIAPN+. “E quanto mais a criança assiste a um determinado tipo de conteúdo, mais provavelmente ela irá aprender alguma coisa a respeito do assunto veiculado”. (Atkin, p. 43, 1978)

Por meio de cenas de telenovelas, pode-se trabalhar a educação sexual de forma intencional e não intencional. Quando o assunto sobre cenas de telenovelas surge durante uma aula qualquer e o professor se manifesta ou não sobre o assunto, estará acontecendo um trabalho de educação sexual não intencional. E se o professor tem algo planejado para suas aulas, tais como com cenas de telenovelas, para levantar o diálogo sobre questões relativas à sexualidade, estará fazendo um trabalho intencional de educação sexual. (Carvalho, p. 184-185, 2019)

No dia 10 de maio de 2019, a TV Globo exibiu a primeira cena de sexo entre um homem cisgênero e uma mulher transgênero na telenovela *O Sétimo Guardião*, de Aguinaldo Silva, o mesmo de *Pedra sobre Pedra*. Para começar a debate, a personagem de Nany People tinha um nome masculino, Marcos Paulo, o que já deslegitima a transexualidade da atriz e da personagem. Na história, ela tinha um apreço por Peçanha (Felipe Hintze), assistente do delegado da cidade, vai até a delegacia, se mostra interessada em fazer sexo com ele em um jogo de sedução, e a edição da novela esfuma a imagem logo que os dois começam a se beijar ainda na sala do delegado. Um corte leva para o intervalo comercial e, ao retornar à cena, Marcos Paulo e Peçanha já estão no momento pós-coito, dessa vez dentro de uma cela. A imagem começa com um *travelling*

(quando a câmera se movimenta de um lado para o outro) pelo lado de fora da grade enquanto o casal está conversando tranquilamente.

A decupagem dessas imagens mostra a estigmatização do sexo da pessoa trans logo na primeira vez que a televisão brasileira apresenta ao público um pouco mais da diversidade de prática sexual que deveria existir em todo tipo de tela. Alguns questionamentos sem respostas ficam no ar como “por que a direção esfumou o beijo entre os dois?”, “por que o casal foi para uma cela e não continuou o sexo no sofá da sala do delegado?”, “por que a cena começa mostrando o pós-coito como algo que está atrás das grades, o que dá a ideia de algo ilegal, criminoso?”

O Sexo LGBTQIAPN+ em *Verdades Secretas*

Verdades Secretas chegou à televisão brasileira em 2015 como uma proposta inovadora de fugir do clássico formato de “mocinha”, “mocinho” e vilão para trazer a dualidade do ser humano nos personagens. Angel, vivida por Camila Queiroz, é uma jovem de 16 anos que vai para a capital trabalhar como *new face*, termo usado para identificar as modelos novatas no mercado. Ela é contratada por uma agência que a incentiva a fazer *book rosa*, uma denominação para a prostituição nos bastidores do mundo da moda.

Toda a trama de Walcyr Carrasco, que estreou na TV aberta em 8 de junho daquele ano, girava em torno de temas como prostituição, drogas e universo fashionista. Angel, inclusive, se envolve com um de seus clientes milionários que, posteriormente, se torna padrasto dela.

A primeira temporada da telenovela somente explorou o sexo entre pessoas de gêneros diferentes, apesar de mencionar outros tipos e optar por não mostrar o ato em si. Os personagens Bruno (João Vítor Silva) e Sam (Felipe de Carolis), um adicto e um traficante, respectivamente, têm um envolvimento amoroso, a decupagem sugere que eles fazem sexo, mas nenhuma cena dessas é mostrada no enredo, nem mesmo um beijo entre os jovens. Quando Bruno é flagrado pela mãe sem camisa com Sam no 60º capítulo, ela o questiona se ele é gay e ele responde que “não tem isso de ser gay ou não. É ‘se rolar, rolou’”. Ela ainda insiste na pergunta “então você é bissexual?” e o filho rebate com “olha só, quem está querendo rotular é você”.

Esse personagem reforça a deseducação quanto ao homem bissexual e o coloca no lugar marginalizado que já é reservado para o homem gay na sociedade: Bruno foi

apaixonado por uma namorada, se identificava como heterossexual, usou cocaína pela primeira vez como fuga da desilusão amorosa desse namoro, fez sexo com o traficante sob o efeito da droga para esquecer os problemas pessoais, gostou do que sentiu e, quando o autor poderia explorar a já invisível bissexualidade dele, optou por dizer que “prefere não se rotular”. O posicionamento escolhido por Carrasco corrobora com a imagem de pessoas LGBTQIAPN+ que estão ligadas à droga, ao submundo e à indecisão diante de sua pretensa heterossexualidade.

Outro exemplo é de Lourdeca (Dida Camero) e Visky (Rainer Cadete), uma mulher heterossexual e um homem homossexual afeminado, que fazem sexo consensual na novela. Esta cena chamou a atenção e foi muito criticada pelos telespectadores na época por reforçar a “falsa esperança” de familiares conservadores sobre homens homossexuais que precisam apenas encontrar uma mulher “adequada” para que ele “volte” a sentir desejo sexual pelo gênero oposto. Essa história foi tratada superficialmente, com um viés cômico, de certa forma, mas, sob o ponto de vista educacional, Visky reforça a heteronormatividade. Esse pensamento de que um homem homossexual pode “se converter” ainda está arraigado na sociedade e não abre a possibilidade para se pensar em um homem bissexual ou mesmo pansexual. Seria mais interessante, talvez, pensar em abrir um leque para discutir sobre uma amplitude de liberdade sexual, mas o preconceito ainda reforça a heteronormatividade.

Tomemos o caso da homossexualidade. Foi por volta de 1870 que os psiquiatras começaram a constitui-la como objeto de análise médica. (...) É o início tanto do internamento de homossexuais nos asilos quanto da determinação de curá-los. (...) Todos serão percebidos no interior de um parentesco global com os loucos, como doentes do instinto sexual. (Foucault, p. 233-234, 1993)

Apesar da problemática sobre a falta de visibilidade do sexo LGBTQIAPN+ em *Verdades Secretas*, a produção foi ovacionada pelo público e ganhou o Emmy Internacional, considerado como o Oscar da televisão, na categoria melhor novela em uma cerimônia realizada em Nova York, nos Estados Unidos, em 2016.

O sucesso estrondoso da história levou milhares de pessoas a insistirem por anos a fio para que a emissora fizesse, pela primeira vez na história da TV, uma continuação (ou segunda temporada) da novela. A Globo protelou a ideia por anos, mas se rendeu aos pedidos logo após o lançamento da plataforma de *streaming* Globoplay e anunciou o título *Verdades Secretas 2* como a primeira novela feita exclusivamente para o *streaming* em

2022. Carrasco explica que a emissora selecionou os personagens que voltariam à história e, a partir daí, ele criaria a vida de cada um deles.

O extraordinário sucesso de 'Verdades Secretas' e o desejo do público de assistir à continuação da história foi o que mais me motivou para escrever esta nova temporada. Acredito que o processo de realizar esse trabalho seria um desafio grande a qualquer momento, pois é preciso conseguir manter a trama viva e surpreendente. (...) Os critérios [para decidir quais personagens estariam na sequência] foram determinados pela dramaturgia. Ou seja, com quem a história continuaria, quais personagens tinham histórias que possibilitavam sequência. Cada temporada tem uma história diferente, mas juntas elas se entrelaçam. (Autor, 2021)

A continuação de *Verdades Secretas* agora traz uma proposta ainda mais sexual para o *streaming*, com 64 cenas de sexo durante 50 capítulos, e mais histórias de pessoas LGBTQIAPN+. “Os meios de comunicação de massa nos chegam com um conjunto de mensagens e programas que constituem um estímulo para a imaginação, a aprendizagem, a vida”. (Orozco-Gómez, p. 61, 1997)

Verdades Secretas 2 chega de forma disruptiva à dramaturgia com um leque muito maior de representações de sexo LGBTQIAPN+, mas a primeira sugestão de uma prática sexual entre dois homens acontece ao final do 5º capítulo, sem mostrar os corpos entrelaçados ou sem roupas, entre os personagens Visky e Joseph (Ícaro Silva). A segunda não chega a ser um sexo explícito, mas o 7º capítulo mostra os personagens Bruno e Benji (Rodrigo Pandolfo), um adicto e o novo traficante, fazendo sexo oral dentro de um carro, que estava parado no estacionamento.

Por mais que o tema sexo em telenovela seja algo polêmico, mesmo quando se trata de uma prática entre heterossexuais, a visibilidade dele é importante porque todo ser humano é um ser sexuado, desde o útero materno. Durante o seu desenvolvimento, a criança está sendo educada sexualmente, na família, na sociedade e na escola.

Esse processo pode acontecer de forma repressiva ou de forma dialógica que denominamos de educação sexual emancipatória. A ideia distorcida, preconceituosa e carregada de negatividade que permanece ainda hoje acerca do sexo, aliada à construção de uma história repressiva da infância, faz com que tenhamos ainda tantas dificuldades para lidar de forma tranquila com as expressões da sexualidade infantil. Tal ideia repressora sobre esta sexualidade é resultante, conforme Foucault (2017), da normatização da sexualidade por meio dos discursos médicos e educacionais, especialmente na demonização moral da masturbação. (Carvalho, p. 187, 2019)

A lente da câmera focaliza somente uma parte da realidade e exclui tudo o que há fora da lente da câmera, criando um universo paralelo, muitas vezes, irreal para uma criança que ainda não tem uma grande experiência de vida. Quando ela assiste exclusivamente a cenas ou sugestões de sexo heteronormativo em novelas, ela entende

que aquela é a única opção possível, mas a telenovela pode explorar essa diversidade de ato sexual para fazer entender que o que ultrapassa os limites da heterossexualidade também é lícito.

Orozco-Gómez (2000) sugere um exercício, a princípio para crianças, sobre enrolar uma folha de papel, olhar para dois pontos por meio dela e desenhar o que foi visto. Logicamente, aquela criança vê apenas uma parte da realidade e até une os dois cenários distintos como se fosse um só. Assim também é a realidade de uma criança LGBTQIAPN+. Quando ela assiste uma telenovela que só tem casais heteronormativos, ela interpreta que não existem outras opções de amor ou de relacionamento, mas somente aqueles que estão “na ponta final de sua lente”, dentro da heteronormatividade.

O conhecimento que se produz com esses exercícios possibilitará verificar que tudo o que a TV mostra é uma representação, portanto uma construção, resultante da própria tecnologia televisiva e, além do mais, uma fabricação que pode ser manipulada de acordo com as intencionalidades específicas dos produtores da programação televisiva. (Orozco-Gómez, p. 66, 2000)

Verdades Secretas 2 também se aprofunda em um leque de outras cenas de sexo importantes dentro das relações homoeróticas. A trama até mesmo assinala “novas” formas de práticas fora dos padrões dentro de uma mesma relação sexual, como sexo oral anal ou também simultâneo e a possibilidade de atos sexuais entre três pessoas ou mais.

Um dos personagens de maior destaque na sequência da novela sobre opções de atos sexuais fora do padrão para um homem gay foi Giotto, interpretado por Johnny Massaro. Ele é um jovem rico, noivo de uma mulher, que se envolve com o modelo Matheus (Bruno Montaleone), que faz *book azul*, termo usado para quem se prostitui no universo da moda masculina, e que descobre ali sua liberdade sexual. As cenas de Giotto e Matheus são as primeiras em que aparecem duas pessoas do mesmo gênero em um ato sexual, sem roupas e com os corpos entrelaçados desde 2016, que está no 15º capítulo, e tem duração de 1 minuto e 3 segundos, com um total de cinco cortes, todos dentro de um carro parado em um estacionamento.

Dali em diante, Giotto se envolve não mais apenas eroticamente como também emocionalmente e mantém o noivado de fachada com uma mulher. É possível identificar que ele se sente plenamente satisfeito com o sexo entre dois homens e se entrega por completo a todas as possibilidades de ato sexual homoerótico dentro de um ambiente privado. Ele representa ao público um homem que vive uma vida heteronormativa e que se abre para o sexo homossexual.

Outra personagem que também abre espaço para cenas de sexo diversa é Lua (Júlia Byrro), a nova protagonista de *Verdades Secretas 2*, que sai do interior para tentar uma vida de modelo em São Paulo, tal como aconteceu com Angel na primeira temporada. Após conseguir o trabalho, ela entra para o grupo de modelos que fazem *book rosa*, atende um casal heteronormativo e faz sexo tanto com o homem quanto com a mulher, configurando também um sexo bissexual grupal.

Por fim, um dos momentos mais emblemáticos da trama é o sexo entre a protagonista Angel e sua principal rival, Giovanna (Agatha Moreira), que é filha de seu padrasto na primeira temporada da novela. As duas têm embates emblemáticos desde os primeiros encontros ainda em 2015 e continuam como inimigas na sequência da história, mas a antagonista revela uma paixão avassaladora pela protagonista no último capítulo da temporada.

Este também é um marco histórico para a teledramaturgia brasileira. Até este momento, a novela *Malhação*, voltada para o público adolescente, narrou a história de Lica (Manoela Aliperti) e Samantha (Giovanna Grigio), duas adolescentes que se apaixonaram no colégio, a trama sugeriu de forma implícita que elas fizeram sexo, mas a cena não pôde ser exibida devido ao horário e à classificação etária dele. Sendo assim, o encontro sexual de Angel e Giovanna ficou marcado como a primeira cena de sexo entre duas mulheres produzida pela televisão brasileira em 72 anos de existência.

Conclusão

Por tantos motivos retratados em cada um dos exemplos expostos neste artigo, é possível entender e justificar a importância da existência da possibilidade de outras formas de romance ou prazer sexual que fujam da heteronormatividade. A pessoa LGBTQIAPN+ que assiste uma novela na televisão precisa entender que o seu próprio desejo sexual não é algo imoral, marginalizado ou fruto apenas de “uma fase”, mas sim é uma prática lícita, moral e que está envolto de um preconceito produzido por uma mentalidade cristã que está enraizada na sociedade.

Para Martin-Barbero (2000), o cidadão deveria poder distinguir entre uma telenovela que esteja ligada ao seu país, inovando na linguagem e nos temas e uma telenovela repetitiva e simplória. Para tanto, é preciso “aprender a distinguir, a tornar evidente, a ponderar e escolher onde e como se fortalecem os preconceitos ou se renovam

as concepções que temos sobre política, família, cultura e sexualidade”. (Martin-Barbero, p. 58, 2000)

As palavras dele corroboram com os pensamentos de Orozco-Gómez (2000) que dizem que “o entendimento dos diferentes aspectos envolvidos na teleaudiência não se realiza por si mesmo, mas sempre em relação a cada um dos telespectadores”. Ou seja, quando uma cena de sexo com duas pessoas do mesmo gênero surge na televisão, ela pode não ter significado algum para pessoas heterossexuais, já que não faz parte de seus desejos eróticos, mas a pessoa LGBTQIAPN+ que assiste uma cena dessas se sente representada e cumpre uma função educacional ao desmistificar a prática sexual para esta comunidade.

Assim, todo currículo deveria ter um espaço para o trabalho de educação sexual e que olhasse para o ser humano como um ser que possui identidades e orientações sexuais diversas. A escola não pode se omitir de trabalhar temas relativos à sexualidade com seus alunos, que são seres sexuados, que possuem seus desejos e curiosidades e que, na era das TIC [Tecnologias de Informação e Comunicação], estão sendo bombardeados pelas mais controvertidas informações, por meios das mais variadas mídias. (Carvalho, p. 184, 2019)

A ideia central dessa revolução das telenovelas é trazer mais diversidade para as tramas brasileiras, no mesmo sentido que se fazem as lutas por mais igualdade de raça nas tramas. A educação sexual emancipatória respeita a diversidade de gêneros, sexuais e as diferenças humanas.

Existe um grande temor de pais mais conservadores de que a educação sexual nas telenovelas possa despertar, incentivar e estimular as crianças para uma pretensa homossexualidade ou transgeneridade, mas é preciso destacar que em mais de 70 anos de novelas no Brasil, com a exploração absoluta de sexo entre um homem e uma mulher, não “educou” as pessoas a serem heterossexuais. Cada dia mais fica explícita a necessidade de uma representatividade LGBTQIAPN+ nos meios de comunicação para, futuramente, termos uma sociedade com menos preconceito.

REFERÊNCIAS

A PRÓXIMA VÍTIMA – Capítulo 118: [Globoplay], 1995. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10829096/?s=0s>. Acesso em: 16 dez. 2023.

ATKIN, Charles. Dos debates, uma conclusão final: a pesquisa ainda é insuficiente. **Cadernos de Comunicação Proal** [S. l.], n. 4, p. 40-44, 1978.

AUTOR de “Verdades Secretas II”, Walcyr Carrasco revela o que o público pode esperar da obra. **Comunicação Globo**, 2021. Disponível em: <https://imprensa.globo.com/publicacoes/autor-de-verdades-secretas-ii-walcyr-carrasco-revela-o-que-o-publico-pode-esperar-da-obra/>. Acesso em: 16 dez. 2023.

CARVALHO, Gabriela Maria Dutra de. **Educação e Mídias**: as telenovelas e formação de professores em educação sexual. Orientadores: Bento Duarte Silva e Vera Márcia Marques Santos. 2019. 288 f. Tese (Doutorado em Ciência da Educação) – Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2019.

FALCHETI, Fabrício. Bancada evangélica organiza passeata contra cena de sexo gay em Liberdade. **Na Telinha**, 2016. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/novelas/2016/07/11/bancada-evangelica-organiza-passeatacontra-cena-de-sexo-gay-em-liberdade-100467.php>. Acesso em: 17 dez. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução: Lilian Holzmeister, *et. al.* 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993. 295 p.

‘VERDADES Secretas II’, primeira novela brasileira para o streaming, ganha data de estreia e teaser ‘não recomendado’. **Comunicação Globo**, 2021. Disponível em: <https://imprensa.globo.com/publicacoes/verdades-secretas-ii-primeira-novela-brasileira-para-o-streaming-ganha-data-de-estreia-e-teaser-nao-recomendado>. Acesso em: 16 dez. 2023.

PROGRAMA DO JÔ. Jô Soares reapresenta o programa com Hebe Camargo, Nair Bello e Lolita Rodrigues: [Globoplay], 2012. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2167609/>. Acesso em: 16 dez. 2023.

IPSOS, Instituto. 89% dos brasileiros acreditam em Deus ou em um poder maior, aponta pesquisa Ipsos. Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/89-dos-brasileiros-acreditam-em-deus-ou-em-um-poder-maior-aponta-pesquisa-ipsos>. Acesso em: 17.dez.2023.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 18, p. 51-61, mai./ago., 2000.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. Professores e meios de comunicação: desafios, estereótipos. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 10, p. 57-68, set./dez., 1997.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. Teleaudiência: premissas para uma pedagogia. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 18, p. 62-67, mai./ago., 2000.

ORTEGA, Rodrigo. **'Tenho orgulho', diz atriz de primeiros beijos hétero e gay da TV no Brasil**. G1, 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2014/02/tenho-orgulho-diz-atriz-de-primeiros-beijos-hetero-e-gay-da-tv-no-brasil.html>. Acesso em: 16 dez. 2023.

SVARTMAN, Rosane. **A telenovela e o futuro da televisão brasileira**. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2023, 243 p.